

PANORAMA DO SETOR DE COURO NO BRASIL

Angela Maria Medeiros M. Santos
Abidack R. Correa
Flavia Menna B. Alexim
Gabriel B. Tavares Peixoto*

** Respectivamente, gerente, assistente técnico e estagiários de economia da Gerência Setorial de Bens de Consumo do BNDES.*

COURO

Resumo

O desempenho do setor coureiro é subordinado às demandas da indústria de manufaturados de couro, principalmente a de calçados e, ainda, à externa. Diversos estudos apontam o Brasil como um dos potenciais pólos significativos produtores da cadeia de produtos de couro, dada a existência de recursos naturais, como grande rebanho e mão-de-obra de custo baixo. A maior inserção internacional e a penetração em mercados de maior rentabilidade refletem na necessidade de ganhos de competitividade e num maior avanço da cadeia de produtos derivados de couro com a incorporação da indústria de curtumes. Por sua vez, incorporar a indústria de curtumes significa ter maior competitividade, coordenação e articulação entre os elos fornecedores de matéria-prima e os clientes, além de realizar investimentos em modernização.

Quadro Geral

O setor de couros passou por importantes mudanças nos últimos decênios, tanto localmente como mundialmente. Internamente, observa-se que o setor de curtumes pertence a uma cadeia produtiva em mudança, seja pela maior exposição ao comércio internacional, seja pelo crescimento de novos ofertantes.

Alterações nas condições competitivas vêm sendo notadas na indústria de curtumes. Desde a década de 1970, ela perdeu força frente aos fornecedores de matéria-prima, em função do crescimento dos frigoríficos, e frente aos clientes, especialmente a indústria calçadista.

Em relação aos frigoríficos, verifica-se o deslocamento para o Centro-Oeste e a verticalização para frente, ocupando cada vez mais espaço no fornecimento de couro e mudando o quadro de concorrência. Também contribuíram a redução das restrições às importações e a liberação das exportações de couro cru e *wet blue*, a partir dos anos 1980.

No plano mundial, a mola propulsora das mudanças foi o deslocamento do pólo produtor de sapatos e da indústria de curtimento dos países desenvolvidos para os em desenvolvimento.

O setor de curtumes tem crescido significativamente nos países em desenvolvimento, deslocando-se a produção de couros da Europa e EUA para o Extremo Oriente e América do Sul, destacando-se China, Brasil, Índia, Coreia e Argentina. Nos países do Leste Europeu também verifica-se o crescimento da produção de couros, especialmente o *wet blue*. Entre as razões, apontam-se a busca de mão-de-obra de menor custo e as restrições mais severas das políticas ambientais dos países produtores tradicionais.

Na América do Sul, o Brasil destaca-se como produtor, pois a Argentina, apesar de ter couro reconhecidamente de melhor qualidade, não registrou mudanças de vulto no período em foco.

O Brasil possui atualmente o segundo maior rebanho do mundo, embora a utilização seja ainda relativamente baixa quando comparada àquela dos países tradicionais e de menor rebanho.

O foco do trabalho está nos processadores de couro bovino. Assim como o principal cliente, as empresas de curtume localizam-se majoritariamente no Rio Grande do Sul e em São Paulo,

embora outro pólo venha se desenvolvendo em função da realocização dos rebanhos e frigoríficos.

O mercado de couro cru está subordinado ao mercado de carne bovina que, por sua vez, depende do nível de poder de compra, do preço das carnes substitutas, da demanda do mercado internacional e da estocagem, além de surtos de epidemia de doenças, secas ou inundações em áreas de criação, que podem diminuir a oferta de couro com reflexos sobre o preço. Assim, sua oferta responde aos estímulos ao mercado de carne e não ao preço ou à demanda de couro curtido.

A produção de couro começa na atividade pecuária, seguida pelo abate dos animais, o descarte nos abatedouros e a aplicação de conservantes. A pele, nesse estágio, é tratada no frigorífico ou vendida para os curtumes, onde será submetida a outros processos até que se obtenha o couro.

Os curtumes podem ser caracterizados de acordo com sua etapa de processamento do couro:

- **Curtume de *Wet Blue*** – Desenvolve o primeiro processamento de couro, qual seja, logo após o abate, o couro salgado ou em sangue é despelado, graxas e gorduras são removidas e há o primeiro banho de cromo e o couro passa a exibir um tom azulado e molhado.
- **Curtume Integrado** – Realiza todas as operações, processando desde o couro cru até o couro acabado.
- **Curtume de Semi-Acabado** – Utiliza como matéria-prima o couro *wet blue* e o transforma em couro *crust* (semi-acabado).
- **Curtume de Acabamento** – Transforma o couro *crust* em couro acabado.

A exportação de couro bovino, majoritariamente *wet blue*, aumentou de forma expressiva, especialmente para a Europa que, por sua vez, apresenta a maior oferta de couro acabado. O objetivo da política atual do governo é promover a inserção comercial com produtos de maior valor agregado. É ainda preocupação alavancar a indústria de curtumes através do aumento de qualidade e maior aproveitamento da matéria-prima, possibilitando assim a sua maior utilização tanto no mercado interno como externo.

Até que ponto as mudanças ocorridas nos setores demandantes e fornecedores de matéria-prima influenciaram a indústria tradicional de curtumes e quais são os fatores relevantes de maior competitividade são as questões que levaram a esse trabalho.

Houve uma redistribuição da produção de couro e os países em desenvolvimento são atualmente responsáveis pelo seu maior crescimento. Em função da maior disponibilidade de matéria-prima e da transferência, também, de parte da produção de calçados dos países desenvolvidos para os em desenvolvimento, a indústria nesses países tem verticalizado, passando a utilizar grande parte do couro produzido e a oferecer, assim, produtos de maior valor.

A participação dos países desenvolvidos na oferta de couro é ainda significativa e resulta, fundamentalmente, da produtividade do rebanho, haja vista que, em 1987, participavam com 29% do rebanho *versus* 54% do total da produção. Em 2000, a participação dos países desenvolvidos era de 22% do rebanho e de 48% da produção. Em paralelo, o peso dos países em desenvolvimento era de 78% do rebanho e de 52% da produção.

De acordo com dados da Food and Agriculture Organization (FAO), o Brasil é o quinto produtor de couro de bovinos, atrás dos Estados Unidos, Rússia, Índia e Argentina, apesar de o rebanho ocupar a segunda posição no efetivo total. Sua participação no rebanho mundial é de 11,2% e na produção total de couros, 10,8%.

A produção mundial registrou uma taxa média de crescimento em torno de 1% nos anos 1990 e deve permanecer nesse patamar nos próximos anos, segundo estimativa da FAO. O crescimento mais rápido dos países em desenvolvimento tem compensado o decréscimo dos países desenvolvidos. Esse decréscimo, segundo o mesmo organismo, ocorre em função da redução dos rebanhos e de mudanças de hábitos dos consumidores em relação à carne vermelha.

Seguindo esse movimento, em 2000 e 2001 o mercado de couro bovino manteve a recuperação, destacando-se o crescimento a taxas superiores nos países em desenvolvimento, como Brasil e China.

Maior produtor mundial de couros, os Estados Unidos registraram estagnação em 2000 e 2001, dadas as preocupações relativas à inocuidade dos alimentos, que reduziram a demanda de carne. O consumo de carne vermelha também se reduziu na Europa. Por outro lado, registrou-se o expressivo crescimento de produção da China, que saltou de 3% para 11% da produção mundial entre 1990 e 2000.

A Europa é a maior ofertante de couro acabado, destacando-se Itália, Espanha e Portugal. A Itália, inclusive, é o parâmetro da indústria curtidora em termos de acabamento e qualidade. Os países que têm forte produção de couros, em geral, fabricam seus manufaturados mantendo posição mundial no circuito da moda. A indústria européia, por exemplo, caracteriza-se pela fabricação de produtos diferenciados e pela forte presença de marca com tecnologias de processo e de organização da produção.

Espera-se que até 2005 continue crescendo a capacidade de produção da Ásia, especialmente China, Índia, Paquistão e também da América Latina. Da mesma forma, na Europa Oriental, com custos de produção menores, espera-se o crescimento de curtumes e manufaturados de couro.

Em relação ao comércio internacional, a partir de 2000 recuperaram-se as exportações mundiais, afetadas, em 1998, por uma forte queda de demanda, sustentadas por uma demanda maior de couros de melhor qualidade, dos quais a Europa é produtor importante. As exportações americanas diminuíram e é esperado que assim continue, como resultado de uma menor produção e do maior consumo interno.

Os países desenvolvidos são também os maiores exportadores e importadores, participando com 86% e 51%, respectivamente, e a Itália é o maior importador, embora China e Coréia tenham representado mais de 30% das importações mundiais de couros e peles bovinos.

A recuperação econômica dos países da OCDE, principais mercados dos produtos de couro, contribuiu para o crescimento da demanda, que também foi estimulada pelas trocas contínuas na moda de sapatos e vestuários de couro.

A subida dos preços e a recuperação do volume de exportação de couro aumentaram os ganhos de exportação. A estimativa da FAO para os próximos anos é de crescimento da demanda superior à produção. O calçado seguirá sendo o principal uso de couros e, assim, continuarão tendo importante papel na demanda, apesar de crescer a demanda para vestuário e estofamento. Os países desenvolvidos seguirão representando maior parcela do consumo, em torno de 54%, e privilegiando produtos de alta qualidade.

Importante notar que reduziu-se a quantidade de couro cru exportado pelos países em desenvolvimento, sendo cada vez maior a participação de couro elaborado e manufaturado. No entanto, há variações regionais, e o Extremo Oriente tornou-se a região exportadora mais importante devido a seus avanços na manufatura de produtos de couro.

O comércio de couro apresenta restrições às importações e às exportações baseadas em motivos sanitários, ambientais e econômicos. Estes últimos referem-se a impostos e taxas aplicados à exportação de couro cru pelos países em desenvolvimento e à importação de couro semi e acabado pelos países desenvolvidos. Em relação aos aspectos ambientais, há expectativa de que se tornem cada vez mais rigorosas as restrições ao uso de práticas agressivas ao meio ambiente.

Mercado de Couros no Brasil

De acordo com trabalho do MDIC, realizado no âmbito do Fórum de Competitividade, no Brasil, a indústria de couro é constituída por aproximadamente 450 curtumes, a grande maioria de administração e composição acionária familiar, sendo que cerca de 80% são considerados de pequeno porte (entre 20 a 99 empregados, segundo classificação da Fiergs e Sebrae-RS). A indústria de curtumes é formada por muitos participantes com pouca força individual, porém essa estrutura alterou-se em função do crescimento dos frigoríficos.

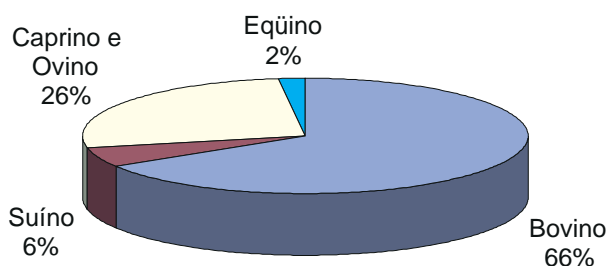
Do total de couros produzidos, os bovinos representaram 66%. Estima-se que a capacidade instalada da indústria curtidora, em 2000, era entre 35 a 40 milhões de couros bovinos.

Há um mercado para cada tipo de couro. Os couros semi-acabados e, principalmente, o acabado já possuem determinadas características de acordo com o comprador e sua venda segue padrões de moda e exigências de clientes, como uniformidade e prazos de entrega. O cru e o *wet blue* são vistos como *commodities*.

A produção brasileira de couro cresceu nos anos 1990, passando de 23,5 milhões de couros em 1991, para 33 milhões em 2001 – o que representa cerca de 10% do mercado mundial. Estima-se que os frigoríficos sejam responsáveis por 60% dessa produção, os salgadores, 25% e outros, 5%, segundo dados da Associação das Indústria de Curtumes do Rio Grande do Sul (Aicsul).

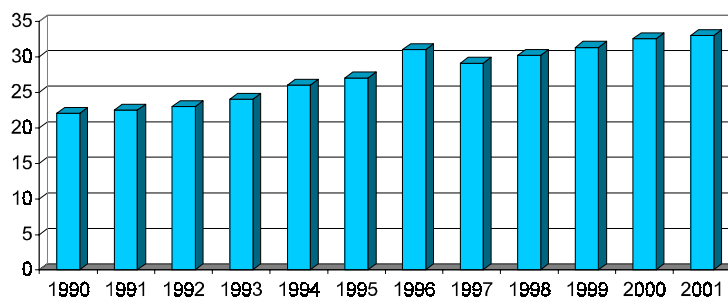
A produção brasileira de couro está concentrada nas regiões Sul e Sudeste que, juntas, são responsáveis por cerca de 72% da produção total e registram o maior número de curtumes. Os principais estados produtores são Rio Grande do Sul, com 23,5%, e São Paulo, com 23%, além de Paraná, com 12%, e Minas Gerais, com 10% do volume produzido.

Gráfico 1
Capacidade de Produção de Couros



Fonte: CICB.

Gráfico 2
Evolução da Produção de Couros
(Em Milhões de Couros)



Fonte: CICB.

Tabela 1
Evolução do Mercado de Couros Bovinos – 1993/2000
(Em Milhões de Couros)

	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Rebanho Bovino Mundial (Cabeças)	1.452,1	1.467,3	1.480,0	1.484,5	1.487,9	1.479,2	1.479,3	1.479,4
Desfrute Mundial do Rebanho (%)	19,8	20,0	20,2	20,4	20,8	20,8	21,1	21,3
Produção Mundial de Couros	288,2	293,4	299,0	302,6	309,7	308,7	311,9	315,1
Rebanho Bovino Brasil (Cabeças)	151,6	158,2	157,0	153,0	155,0	157,0	160,7	163,2
Desfrute Brasileiro do Rebanho (%)	15,8	16,4	17,2	20,3	18,8	19,2	19,5	19,9
Produção Brasileira de Couros	24,0	26,0	27,0	31,0	29,1	30,2	31,3	32,5
Part. da Produção Br/Mundial (%)	8,3	8,8	9,0	10,2	9,4	9,8	10,0	10,3

Fontes: FAO/CNPC/Aicsul.

Esse quadro tem se alterado com o crescimento do rebanho e a instalação de frigoríficos no Centro-Oeste e o conseqüente aumento local do abate e da produção de couro, em função dos custos de transporte. A região Centro-Oeste apresentou crescimento de 95% do rebanho entre 1990 e 1999, enquanto o Sudeste e o Sul registraram queda de 38% e 23%, respectivamente.

A região Centro-Oeste conta com um terço do rebanho de bovinos e ainda não tem participação dominante na produção de couros, embora frigoríficos ali instalados já produzam, principalmente, *wet blue* e estão investindo em um programa de agregação de valor. Conforme o Gráfico 3 e a Tabela 2, 10% dos estabelecimentos encontram-se na região e são responsáveis por 15% da produção.

A oferta de couro foi afetada por mudanças ocorridas, desde a década de 1970, que foram desfavoráveis aos curtumes tradicionais, verificando-se o aumento de poder de fornecedores e clientes, assim como a maior participação dos substitutos do couro.

Tabela 2

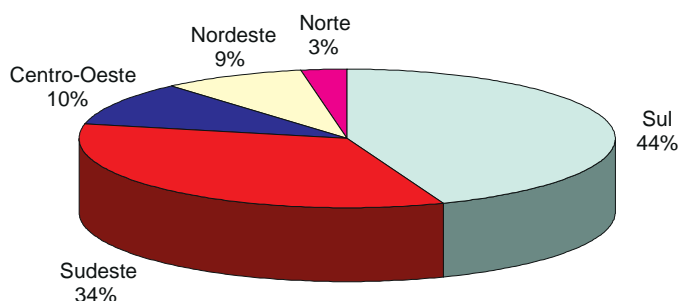
Produção de Couro por Região em 2000

REGIÃO	Nº COUROS	PART. (%)
Sul	12.385.750	38
Sudeste	11.027.250	33
Centro-Oeste	4.920.500	15
Nordeste	3.562.000	11
Norte	604.500	2
Total	32.500.000	100

Fonte: CNPC/IBGE/Aicsul.

Gráfico 3

Distribuição de Estabelecimentos Curtidores por Região



Fonte: Rais-MTE.

Além da realocização dos rebanhos e dos frigoríficos e sua verticalização, no Centro-Oeste, a implantação de curtumes que processam o couro até o *wet blue* se refletiu no quadro de oferta. Esses curtumes foram instalados tanto por frigoríficos como por empresas independentes e têm instalações mais modernas.

Outro aspecto que contribuiu negativamente para o desempenho dos curtumes tradicionais foi a liberação das exportações de couro cru, a partir de 1982, que trouxe para o mercado interno a referência do preço do mercado internacional para sua aquisição pelos demais curtumes assim como reduziu a dependência e a oferta internas.

Em relação ao cliente principal, na indústria de calçados, a partir dos anos 1970, foram observadas mudanças, sobretudo em função de uma política de incentivos fiscais e creditícios à exportação de calçados, bem maior que os concedidos a couros. Essa política permitiu maior rentabilidade ao setor calçadista e contribuiu para o aparecimento de empresas de maior porte.

Além disso, a redução das restrições à importação e a utilização de importação via *draw back* de semi-acabados da Argentina para a indústria calçadista ofereceram proteção às oscilações de preço e permitiram a formação de estoques. Porém, para os curtumes isso foi fator de pressão sobre preço.

Complementando a estocagem de semi-acabados, foram criadas unidades especializadas na prestação de serviços de acabamento. As seções de acabamento das empresas de calçados e a criação de empresas independentes permitiram melhor atendimento (rapidez e flexibilidade) aos clientes, especialmente aqueles do mercado internacional, e alteraram também a estrutura de oferta desse mercado, sem, no entanto, repassar aos curtumes já existentes os novos padrões de exigências.

A configuração atual da indústria de couros pode assim ser descrita:

- indústria fragmentada com surgimento de empresas especializadas realizando operações anteriormente integradas;
- empresas calçadistas de porte significativo verticalizaram para trás, constituindo seções de acabamento;
- os frigoríficos verticalizaram para frente, fornecem couro cru e são, atualmente, os maiores responsáveis pela produção de couro cru;
- a demanda externa passou a ser tão relevante quanto a interna;
- há dificuldade de atender, simultaneamente, a todos os requisitos dos clientes; e
- a preocupação em organizar a cadeia produtiva “para trás” é ainda pequena.

Concorrência de Produtos Substitutos

Principal demandante, a indústria de calçados passou a utilizar várias opções de matéria-prima que chegam, hoje, a ultrapassar o couro. Essa substituição dá-se sobretudo na sola, nos saltos e na parte superior do calçado (cabedal) e, de modo geral, está ligada a fator de redução de custo. Na Tabela 3, apresenta-se a evolução dos materiais disponíveis em cada década.

Entre os materiais utilizados, destacam-se a seguir:

- **Têxteis** – Tecidos naturais, como algodão, lona e brim, e os tecidos sintéticos, como náilon e *lycra*, são utilizados, sobretudo no cabedal e como forro. Além do preço mais atraente, os calçados fabricados com tecidos são mais leves.

Tabela 3

Materiais Disponíveis para Fabricação de Calçados entre as Décadas de 1930 e 2000

1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Couro	Couro	Couro	Couro	Couro	Couro	Couro	Couro
Borracha Não Vulcanizada	Borracha Não Vulcanizada	Borracha Não Vulcanizada	Borracha Não Vulcanizada	Borracha Não Vulcanizada	Borracha Não Vulcanizada	Borracha Não Vulcanizada	Borracha Não Vulcanizada
	Borracha Vulcanizada	Borracha Vulcanizada	Borracha Vulcanizada	Borracha Vulcanizada	Borracha Vulcanizada	Borracha Vulcanizada	Borracha Vulcanizada
			PVC	PVC	PVC	PVC	PVC
				PU	PU	PU	PU
				Borracha Termoplástica	Borracha Termoplástica	Borracha Termoplástica	Borracha Termoplástica
				Poliuretano Termoplástico	Poliuretano Termoplástico	Poliuretano Termoplástico	Poliuretano Termoplástico
				EVA	EVA	EVA	EVA

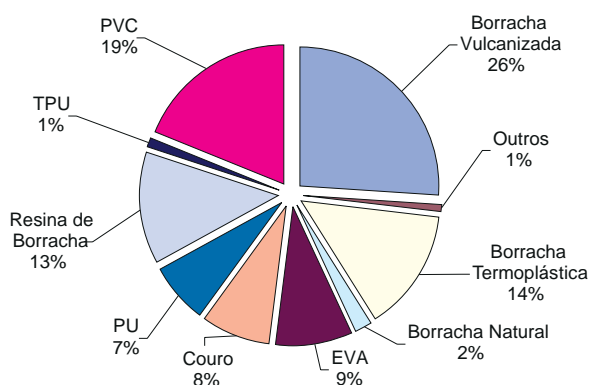
Fonte: Assintecal.

- **Laminados Sintéticos** – Chamados erroneamente de couro sintético, são construídos normalmente de um suporte sobre o qual é aplicada uma camada de material plástico, geralmente PVC ou poliuretano. Esse suporte pode ser um tecido, malha ou não-tecido. Este último é conhecido mundialmente como *nonwoven*, um material de estrutura plana, porosa, flexível, constituído de véu ou manta de fibras ou filamentos (longas ou curtas) orientados direcionalmente, consolidados por processo mecânico (fricção), químico (adesão) e térmico (coesão), hidrodinâmico ou por combinação. Um dos suportes mais utilizados pela indústria calçadista brasileira é o chamado *cover line*.
- **Materiais Injetados** – Utilizam-se principalmente o PVC e o poliuretano (PU), de fácil processamento, de custo relativamente baixo e empregado em solados de tênis e chuteiras e em solas e entressolas com características de durabilidade, flexibilidade e leveza; o poliestireno, de baixo custo e alta resistência ao impacto, é utilizado na produção de saltos; o ABS também é utilizado especificamente para fabricação de saltos, porém apresenta custo alto.
- **Materiais Vulcanizados** – O EVA (copolímero de etileno e vinil acetato) é um dos materiais mais utilizados no Brasil em diversas partes do calçado, sobretudo no solado, sendo considerado o mais leve e macio para fabricação de solas; as borrachas natural e sintética, usadas em calçados infantis, têm elevado custo e pouca resistência a altas temperaturas.

Nos Gráficos 4 e 5, visualizam-se a participação mundial de cada material utilizado na produção de solados em 1999 e sua previsão para 2005, com redução do couro e aumento de borrachas vulcanizada e termoplástica, segundo a Satra.

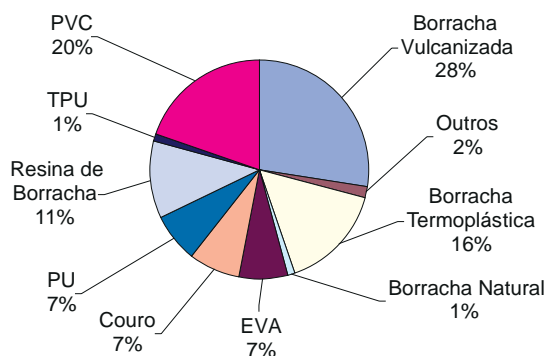
Embora o couro traga algumas vantagens sobre os outros materiais, como alta capacidade de amoldar-se a uma forma, boa resistência ao atrito, maior vida útil, possibilidade de transpiração e

Gráfico 4
Consumo Mundial de Material para Solado – 1999



Fonte: Assintecal.

Gráfico 5
Previsão do Consumo Mundial de Material para Solado – 2005



Fonte: Satra.

aceitação de quase todos os tipos de acabamento, não deve ser deixada de lado sua evolução de preços, cuja elevação recente tem favorecido a substituição por outros materiais de menor custo, sobretudo no Brasil. Cerca de 70% a 80% dos calçados fabricados mundialmente utilizam-se de materiais sintéticos. No Brasil, é estimado que apenas 20% dos calçados são fabricados em couro, 50% em material injetado e 30% em sintéticos e outros materiais, segundo informações de empresas.

Segmentos Demandantes

Apesar do crescimento da produção, o consumo interno de couro não tem crescido na mesma proporção. Além de ocorrer a maior substituição por produtos sintéticos e outros materiais, o con-

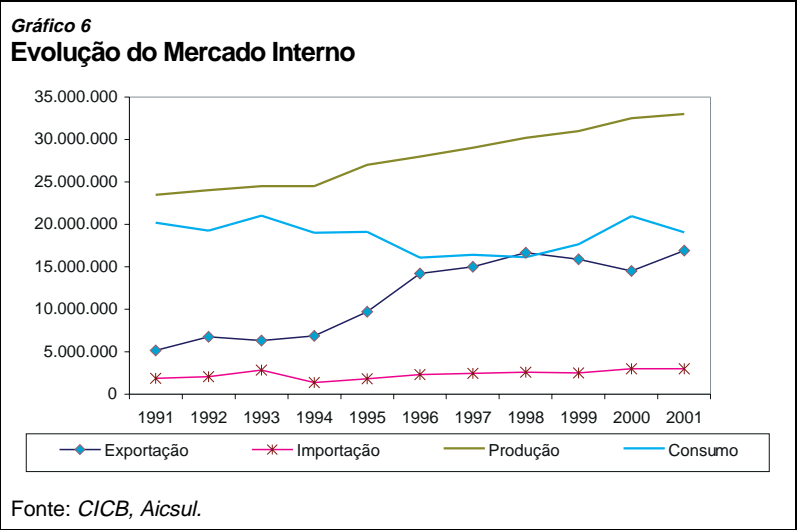
sumo *per capita* de produtos de couro é pequeno. Como exemplo, o de calçados caiu durante a década de 1990 e situa-se, hoje, em 2,6 pares por habitante.

O mercado interno é pouco explorado pela indústria e a demanda doméstica é reduzida em função de seu preço mais elevado em relação aos concorrentes. Além disso, existem no mercado produtos sintéticos semelhantes aos olhos dos consumidores e com pouco diferencial de preços.

A indústria de calçados é a maior demandante de couros bovinos no Brasil. A demanda para estofamento de móveis e revestimentos de veículos é ainda inexpressiva no mercado interno. A Abicalçados estima, no entanto, que essa participação diminuiu e, enquanto na década de 1980 70% do couro produzido dirigiam-se para calçados, na década de 1990, estimou-se a distribuição: 45%, calçadistas, 35%, estofamentos e 20%, artefatos, vestuário e outros produtos, permanecendo atualmente nesse mesmo patamar.

Em função da baixa participação verificada em estofamentos residenciais e automotivos, o setor considera que o mercado pode crescer no Brasil. Dependendo do produto final e da faixa de mercado, esses produtos exigem peles de qualidade superior com pouco ou nenhum defeito, como é o caso daqueles destinados a móveis e veículos de luxo, porém devem ser peles extensas. O tipo de gado existente no País seria adequado e já há empresas atuando nesse segmento.

Um trabalho do MDIC estimou que, da indústria de estofados de móveis, apenas 2% a 4% da oferta são relativos aos revestidos de couros. No mercado de veículos, no Brasil, essa



participação é menor ainda, em torno de 1%, conforme comentado a seguir.

Em ambos os casos há uma barreira clara, que é o preço dos produtos de couro frente à realidade de renda do País e que justifica a baixa penetração desses produtos e a utilização de outros de menor custo.

Cientes Automotivos

O mercado de couro para a indústria automobilística é visto como de alto valor agregado e tem sido buscado por empresas. No entanto, não é de fácil acesso dadas as exigências das montadoras para fornecimento para o mercado original. O revestimento de couro aumenta o valor do veículo e simboliza *status*, o que já é visto como um dos motivos para o crescimento de sua utilização. Nos países desenvolvidos, a demanda por interiores de veículos em couro tem crescido e abrange não só assentos, mas também painéis de porta, tetos e painéis de instrumentos.

As especificações e condições de entrega são bastante completas e fazem parte de contratos de entrega entre curtumes e clientes. As montadoras aplicam a esses fornecedores as mesmas práticas de compra e exigências dos demais produtos. O fornecimento à indústria automobilística requer uma relação muito próxima entre montadora e fornecedores, na qual a primeira seleciona e homologa o fornecedor e o produto. No caso específico, são avaliados o fornecedor de capas de estofamento ou painéis, a origem da pele e o fornecedor de couro. A continuidade da qualidade de entrega depende não só do processo do curtume, mas também da matéria-prima selecionada. Exige assim uma supervisão estreita de produção. A escolha de fornecedores potenciais de couro e o processo de auditoria e controle têm significado decisivo. Unidades de produção modernas são fundamentais, assim como pessoal qualificado.

Há um rígido controle e catálogos com padrões de referência que estabelecem em que zonas do acabamento interno uma característica particular pode ser permitida ou incluída. O couro nos automóveis, seja em assentos ou em painéis, pode ter a mesma longevidade que a proteção hoje dada à corrosão das peças estampadas.

Atenção vem sendo dada à exigência de couros cujo processo de produção não tem tratamento de cromo em função da preocupação crescente da indústria em lançar “veículos eco- amigáveis”.

Quanto à participação do estofamento de couro nos veículos do Brasil, só os carros *top* de linha têm versões com couro, por exemplo, Vectra, Zafira, Golf, A3, Corolla, Scénic, Picasso, Marea. A participação de carros com versões em couro do mercado original é

baixa, não atingindo 5% da produção dos modelos *top* de linha. Considerando-se que a maioria dos veículos produzidos no País encontra-se no segmento de 1.000 cc e representam de 70% a 75% dos carros fabricados, pode-se estimar que, atualmente, no máximo 25% estariam na faixa de possibilidades de uso.

A origem do couro acabado varia entre as montadoras, ocorrendo a importação por se considerar que o fornecedor local não atende a requerimentos de qualidade. As empresas fornecedoras de assentos fornecem estofados de couro direto para as montadoras e estas ou vendem como equipamento original ou distribuem para reposição, como equipamento original. O fornecedor direto da montadora, em geral o fabricante de assentos, deve assegurar a qualidade do couro a ser utilizado e, assim como o curtume, deve procurar fontes que assegurem que a qualidade exigida será entregue. Atuam nesse segmento grandes empresas mundiais já presentes no País. Os revestimentos do veículo, como teto e painel de portas, são fornecidos também em geral pelo mesmo fornecedor de assento.

Os fornecedores de couro acabado para essa indústria são especializados. No Brasil, as empresas qualificadas para fornecer tecidos para assentos têm também negócios de couro no mercado internacional, mas ainda não atuam nessa área no Brasil.

Da produção interna, estima-se que, atualmente, mais de 90% das vendas de capas de couro destinam-se ao mercado interno. No entanto, o grande mercado atual tem sido o de reposição, em que existem outras empresas fornecedoras e o preço é inferior. Também as exigências quanto à qualidade do couro são menores.

O Brasil é um importante produtor de couros, ocupando a 5ª posição na produção mundial e, no comércio internacional, exporta produtos de pouco valor agregado, em movimento contrário ao verificado no plano mundial e nos países em desenvolvimento. Por sua vez, as importações são de couro semi-acabado e acabado.

Com a queda da produção calçadista no início dos anos 1990, a indústria de curtumes buscou ampliar sua participação no mercado externo e, assim, verificou-se o crescimento significativo da exportação do *wet blue* mesmo quando a relação de câmbio ficou desfavorável. Essa orientação crescente, como substituição do mercado interno, enfrenta oposição das empresas de outros segmentos da cadeia produtiva, que apontam a redução da oferta de sua principal matéria-prima como um dos principais gargalos. Além disso, questiona-se que as exportações de *wet blue* destinam-se aos principais concorrentes de calçados do Brasil no mercado mundial. Embora os frigoríficos sejam os grandes exportadores, empresas de calçados vêm também exportando, dado o preço alcançado do couro

Comércio Externo

cru no mercado internacional. Esse aspecto tem levado ao acirramento entre exportadores e empresas voltadas para o mercado interno.

Das exportações totais de couro e calçados em 2001, US\$ 2.479 milhões, o setor de couro participou com 35%. A indústria de curtumes registra superávits, e, em 2001, o saldo obtido foi de US\$ 678 milhões e alcançaram-se exportações de US\$ 863 milhões e importações de US\$ 185 milhões. Em termos de valor, as exportações cresceram três vezes entre 1991 e 2001. Cerca de 58% do valor correspondem a exportações de couro *wet blue*. O volume exportado foi de 17,2 milhões de couros (46% da produção), sendo 61% referentes a *wet blue* (10,5 milhões de couros) e o restante, a couro *crust* e acabado.

As exportações de couro salgado e *wet blue* cresceram 253% e 31% entre 2000 e 2001, enquanto as de semi-acabados e acabados apresentaram acréscimo de 51%. De acordo com o Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB), reflete a manutenção de alíquotas do mesmo valor para os impostos de exportação incidentes sobre couros salgado e *wet blue*.

As exportações destinam-se sobretudo à Europa, principalmente para a Itália, em sua maioria de *wet blue*. Em 2001, 58% direcionaram-se para Itália, Hong Kong e Estados Unidos, conforme visto a seguir.

As importações de couro, decrescentes desde 1993, à exceção de 1996, voltaram a crescer em 2000 e 2001 e são provenientes, sobretudo, da Argentina, Austrália e Estados Unidos, sendo metade originária da Argentina. Possuem baixa participação e, em 2001, foram de apenas 9%, dos quais mais de 80% foram de couros semi-acabados. O couro argentino, de melhor qualidade, é acabado

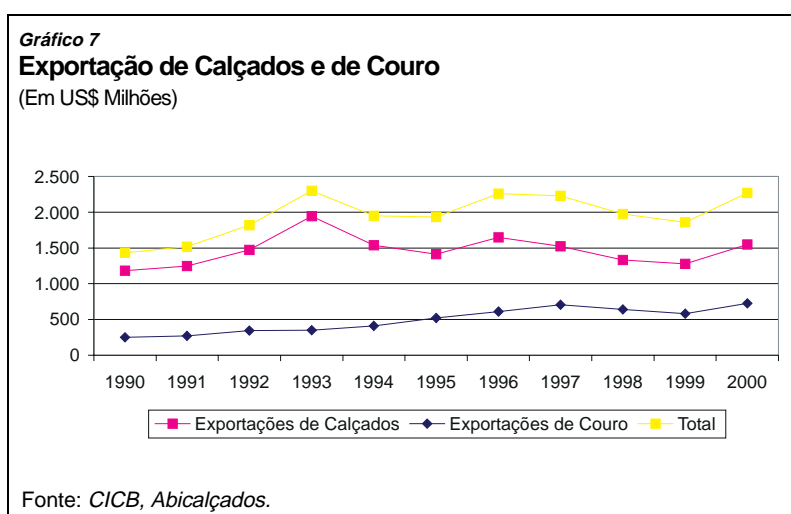
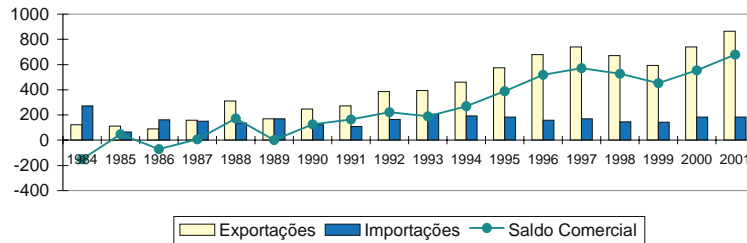
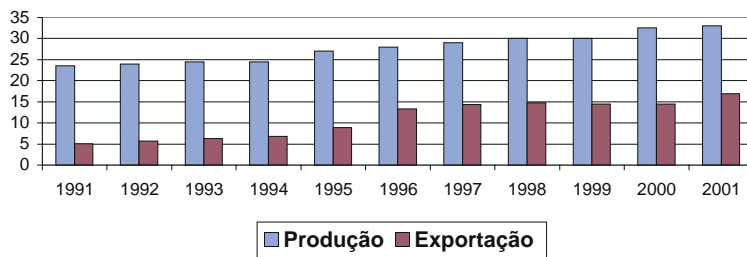


Gráfico 8
Balança Comercial Brasileira da Indústria do Couro
 (Em US\$ Milhões)



Fonte: Secex e CICB.

Gráfico 9
Evolução da Exportação e Produção
 (Em Milhões de Couros)



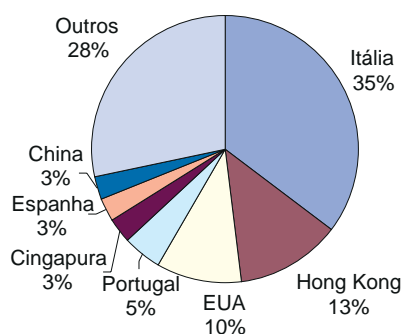
Fonte: CICB e Secex.

pelas empresas de calçados, que o importam através de operações de *draw back*.

Em relação ao Mercosul, o Brasil apresenta saldo comercial deficitário, uma vez que importa majoritariamente da Argentina, mas também do Uruguai e Paraguai que juntos representaram, em 2001, 62% das importações totais de couro, enquanto pouco exportou para esses países. Observa-se ainda que as políticas diferentes quanto às taxas de produtos deverão ser equalizadas.

Seguindo o exemplo de outros países e com o objetivo de aumentar a exportação de produtos de maior valor agregado, recentemente foi criada uma sobretaxa, válida até novembro de 2002, sobre a exportação de couro *wet blue*. No entanto, o crescimento da demanda mundial e dos preços internacionais mais que compensou a sobretaxa e o volume exportado permaneceu crescendo.

Gráfico 10
Destino das Exportações de Couros



Fonte: CICB.

Também a existência de tarifas de importação sobre couros manufaturados nos países desenvolvidos, além da maior facilidade de exportação do cru, contribuiu para que a exportação continuasse crescendo. O maior peso das exportações de *wet blue* decorre também de impostos de importação existentes, nos países desenvolvidos, ao couro elaborado. Desigualdades tarifárias favorecem a exportação de produtos com menor valor agregado, como o *wet blue*, isento de imposto de importação na Europa, enquanto, por exemplo, é aplicada sobretaxa de 6,5% sobre os couros *crust* e acabados. As políticas de exportações de couro argentinas e uruguaias também procuram incentivar a exportação de produtos mais elaborados, impondo taxas de exportação sobre o couro *wet blue*.

Por outro lado, a mudança na pauta exportadora depende de outros aspectos, estruturais, que compõem a indústria de curtumes instalada no País, sobre a qual pretende-se abordar no presente trabalho.

Competitividade da Indústria

O desempenho do setor coureiro é subordinado às demandas da indústria de manufaturados de couro e, principalmente, a de calçados e, ainda, à externa.

Como fatores determinantes para manter a competitividade, as empresas calçadistas consideram a capacidade de atender aos pedidos colocados por clientes nacionais e internacionais; a qualidade da matéria-prima; e também a qualidade da mão-de-obra.

A segmentação do mercado de calçados e de artefatos implica uma variedade de produtos que contemplam, além da moda, aspectos como gênero, faixa etária, finalidade, estação do ano etc.

(calçados sociais, esportivos, femininos, masculinos etc.). Esses aspectos impactam no preço do produto e tipo de couro usado.

A utilização do couro brasileiro pode ser maior ou menor dependendo do segmento de mercado a que se destina e do preço obtido. Segundo entrevistas realizadas, há um percentual do couro fabricado no País que possui boa qualidade e assim é que produtos exportados para marcas mundiais importantes utilizam couros nacionais. As vantagens do couro brasileiro estão ligadas sobretudo à espessura e ao tamanho da peça, e as indústrias moveleira e automotiva, que possuem produtos mais padronizados e menos influenciados pela moda, são apontadas como boas oportunidades.

Portanto, generalizações não podem ser feitas. A diversidade e a diferenciação de produtos e a presença de numerosas empresas com portes e desempenho variados levam a sobreviver empresas com níveis de competitividade diferentes. De modo geral, os curtumes não são especializados, apenas aqueles que se voltam para capas e vestuários.

No segmento de curtumes predominam empresas de pequeno porte, embora verifiquem-se médias com níveis diversos de produtos – *wet blue*, *crust*, acabados – e de tecnologia e com baixa integração na cadeia produtiva, seja para o mercado interno, seja para o externo. Observa-se assim a instalação de fábricas de diversos tamanhos, e a forma de produção semi-artesanal das pequenas manufaturas sobrevive ainda nas de maior porte. Poucas empresas possuem certificações de qualidade e falta padronização para a classificação do couro.

A competitividade dos curtumes está baseada na qualidade da matéria-prima, na redução de custos, na gestão e nos processos de produção mais eficientes e na melhor qualificação da mão-de-obra, inclusive gerencial. São também fatores relevantes o relacionamento de cooperação entre empresas e fornecedores para obtenção de matéria-prima adequada às necessidades e a adequação da infra-estrutura tecnológica.

As demandas dos clientes do setor de couros variam em função da maior ou menor exposição ao mercado externo. Aos requisitos demandados de preço e qualidade podem ser adicionados flexibilidade (diversidade) e prazos de entrega. A compatibilização desses quatro critérios requer competência em termos de gestão de produção e operações, além de conhecimento de tecnologia de produto e processo.

Diversos estudos apontam o Brasil como um dos potenciais pólos significativos produtores da cadeia de produtos de couro dada a existência de recursos naturais, sobretudo grande rebanho e mão-de-obra de custo baixo. No entanto, considerando-se a neces-

cidade de ganhos de competitividade, maior inserção internacional e penetração em mercados de maior rentabilidade, é preciso que haja um maior avanço da cadeia de produtos derivados de couro, incorporando a indústria de curtumes nesse movimento. Por sua vez, incorporar a indústria de curtumes significa ter maior competitividade, coordenação e articulação entre os elos fornecedores de matéria-prima e clientes, além de realizar investimentos em modernização.

A crescente participação das empresas asiáticas no mercado mundial é devida, entre outros fatores, a uma integração para o aumento da competitividade de toda a indústria de manufaturados de couro.

Estudos apontam que há dificuldade de articulação entre fornecedores e clientes que pode ser atribuída ao fato de as empresas de calçados ou de capas terem interesses não necessariamente alinhados com as empresas de curtume e, principalmente, entre exportadores e produtores para o mercado interno.

A título de exemplo, falhas foram apontadas, após 1994, na estrutura do *cluster* gaúcho, como falta de integração dos elementos que, inclusive, competem entre si, e pouco investimento em capacitação da mão-de-obra, até mesmo gerencial (pouca concorrência e sem necessidade de buscar novos mercados ou ausência de departamento comercial ou divulgação de produtos).

A venda externa de calçados é feita principalmente através de marcas de terceiros e pela terceirização de atividades produtivas da indústria calçadista e pela encomenda de comercializadores com marca no mercado mundial. As grandes empresas atuantes no mercado mundial definem os sapatos que serão fabricados, os tipos de matéria-prima e os preços máximos que serão utilizados. Da mesma forma, o couro a ser utilizado passa a ser definido assim.

Esse comportamento se reflete na criação de oportunidades de maiores vendas externas e também na exigência de maiores esforços para melhorias de qualidade, padrões de gestão e modernização das instalações não só para a indústria calçadista como também para os seus fornecedores, como é o caso dos curtumes. Como exemplo, podem-se citar os laudos para exportação de calçados do Brasil feitos no exterior, em que são necessárias análises de desempenho e declarações diversas, como a não utilização de mão-de-obra infantil ou couro da região amazônica etc.

O maior relacionamento entre curtumes e clientes/calçadistas levaria a estímulos para investimentos e a ganhos no mercado internacional, mas também refletiria em necessidade de aumento de padrões de qualidade.

Mão-de-Obra

A mão-de-obra é fator cada vez mais relevante e um trabalho do Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade do Paraná (IBQP-PR) sobre produtividade do trabalho para cadeias produtivas, entre as quais, couro e calçados, para o período 1994-1999, inclui aqueles que trabalham na preparação do couro nos frigoríficos, artefatos de couro, de componentes e de calçados (de couro e outros materiais). Os resultados apontam que, em termos de emprego, a indústria apresentou alta rotatividade do trabalho, baixo grau de escolaridade e baixa remuneração, naquele período.

Houve melhora no grau de escolaridade em relação a 1994, porém o grau de instrução na cadeia produtiva é baixo: 78% do total dos empregados possuíam no máximo o ensino fundamental completo, ao passo que, em 1994, 87% estavam nessa situação. Os empregados contavam com anos de estudo conforme mostra a Tabela 4.

Existem vários cursos de formação em escolas técnicas, como o Senai, porém, na maioria das vezes o funcionário desenvolve tarefas com base na experiência adquirida. Da mesma forma, aponta-se que a mão-de-obra administrativa e gerencial ainda não está suficientemente preparada para a maior concorrência e ganhos de mercado, verificando-se modelos de gestão ultrapassados.

Tabela 4

Anos de Estudo – Couro/Calçados

	1994	1999
Couros e peles	8,82	9,80
Preparação do couro	8,83	9,89
Calçados de couro	8,73	9,95
Artefatos de couro	9,76	11,59

Fonte: IBQP-PR.

Conforme mencionado, a qualidade do couro é de suma importância para a cadeia produtiva de derivados de couro. No Brasil, 93% das peles ainda registram problemas, face a um percentual de 5% nos Estados Unidos. Diversos trabalhos apontam a má qualidade do couro devido a fatores como abate de animais mais velhos e, sobretudo, a ausência de tratamento adequado do gado. Marcas derivadas da agressão humana, maus tratamentos, cercas de arames farpados e transporte inadequado são os problemas mais comuns.

De acordo com cálculos do Ministério da Agricultura, nos últimos 80 anos, o Brasil jogou fora 18 milhões de peles e perdeu cerca de US\$ 2 bilhões por ano.

A maioria dos defeitos pode ser minimizada ou equacionada pelo tratamento adequado ao animal e isso passa por um amplo

Qualidade do Couro

programa de educação e divulgação (de acordo com documento do Senai-RS, 60% dos defeitos dos couros brasileiros têm origem no campo), objetivando também o desenvolvimento gerencial para dar um cunho mais comercial à criação e ao tratamento dos animais. Atualmente é fato que a obtenção de melhor couro passa por uma melhor articulação entre frigorífico, pecuarista e curtume e também pela forma de comercialização.

Alguns curtumes estão cientes da necessidade de maior envolvimento dos pecuaristas e frigoríficos para melhoria da qualidade e para equacionar ou minimizar os problemas. Os resultados vêm sendo obtidos e vem sendo realizado um trabalho conjunto de identificar como fornecedores os criadores que oferecem animais mais uniformes, especialmente em peso, e que oferecem couro de melhor qualidade. Também o trabalho com fornecedores selecionados e com programas de desenvolvimento por parte de grandes grupos demandantes de couro tem um papel relevante na melhoria de qualidade do produto ao estabelecer novos parâmetros de remuneração. Outra possibilidade apontada é a de produtores de couro e de calçados realizarem em conjunto o processo de compra em função das especificidades do produto final.

O Programa de Melhora da Qualidade de Couro Cru, parceria entre a Agência de Promoção de Exportações (Apex) e o Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB) também vem contribuindo para a melhoria da qualidade do couro.

Os defeitos encontrados no couro provenientes de ações da natureza podem ser eventualmente minimizados pela tecnologia através de processo de acabamento. A Itália tem sido o exemplo mais citado pelas empresas como um dos detentores de melhor tecnologia e aproveitamento de couros.

Um trabalho do MDIC distingue dois grupos de frigoríficos: aqueles que atendem às exigências de conformidade do produto, voltados para o mercado externo e grandes redes supermercadistas; e aqueles voltados prioritariamente a mercados regionais, concorrendo pelo preço. No primeiro grupo, verificam-se modernização das instalações, implantação de sistemas informatizados e de automação, nível tecnológico compatível com os padrões internacionais e preocupação com a qualificação da mão-de-obra, com conseqüências positivas sobre a qualidade do couro.

A partir da pesquisa realizada pelo CICB, apresentada na Tabela 5, percebe-se a classificação deficiente obtida pelo couro dos curtumes nacionais.

O sistema de vendas é fator crítico para a efetividade desse processo de melhoria de qualidade. De modo geral, pratica-se um sistema de vendas, em que não há classificação adequada das

Tabela 5

Classificação do Couro Brasileiro

(Participação Percentual por Tipo)

TIPO	AA	A	B	C	D	E
% de couro	8	22	35	25	7	3

Fonte: *CICB apud Ferreira.*

peças, os defeitos não são identificados por ocasião da venda e, por consequência, não há remuneração distinta conforme o produto. Portanto, a qualidade e o melhor tratamento do couro não recebem pagamento diferenciado e não há estímulo para a maior qualidade.

As ações de parceria destacadas estão realizando esse diferencial que, no entanto, é ainda embrionário. Espera-se que, com os programas de divulgação que vêm sendo feitos, os estudos de classificação e tipificação de carcaças e a ação de grandes empresas, esse quadro venha a mudar.

Outro aspecto relevante refere-se à falta de infra-estrutura adequada, abrangendo as más condições de estradas e a necessidade de organismos suficientes e preparados, por exemplo, para realizar controles veterinários.

Estudos internacionais apontam como um dos fatores de transferência das atividades curtidoras para as novas regiões as legislações mais severas dos países desenvolvidos, embora também verifiquem-se normas ambientais naqueles países. Os curtumes são responsáveis por grande parte da geração de resíduos que afetam o meio ambiente, os quais, gerados no processo de curtimento, são classificados em: gases e emissões, aparas, serragem e lodos da estação de tratamento de efluentes líquidos e aqueles provenientes dos banhos. A produção de couro, até o estágio *wet blue*, produz 85% do resíduo ambiental da cadeia produtiva.

O cromo é o principal problema dos curtumes e é o insumo utilizado pela maioria das empresas no processo de curtimento. Os resíduos com a presença de metal cromo, segundo a norma brasileira NBR-10004 da ABNT, são classificados como resíduos classe I – perigosos, necessitando de tratamento e disposição específica.

A serragem de couro curtido ao cromo, gerada na operação de rebaixamento, é um resíduo volumoso, altamente tóxico e geralmente distribuído em terrenos baldios ou nas margens dos rios. Por ser um produto lentamente biodegradável, permanece por muito tempo no ambiente.

Meio Ambiente

Em 2000, de acordo com estimativas da Aicsul, 95,5% do couro curtido no Brasil foram obtidos através da utilização do cromo, com o agravante de que houve um aumento de 10%, desde o início da década de 1990. A participação da produção de couro com cromo é crescente nos anos 1990, passando de 85% para 95% entre 1992 e 2000, conforme visto na Tabela 6.

Por esse comportamento verifica-se que a produção de couro ocorre de forma pouco controlada, embora investimentos tenham sido realizados quanto aos efluentes. No entanto, não se dispõe de informações sobre o nível existente de controle ambiental das empresas dessa indústria, sobretudo ao considerar-se a diversidade existente entre pólos produtores e empresas. Sabe-se que os curtumes exportadores apresentam redução da emissão de resíduos em função das restrições existentes, em alguns países, ao uso de determinados insumos, entre eles o cromo. Embora questionado no cenário mundial, o menor controle ambiental e a utilização do cromo podem ser vistos como barreiras à exportação para aquelas empresas, inclusive abrangendo-as nas categorias de subfornecedoras de calçados ou vestuários. Dessa forma, conclui-se que os aspectos ambientais são cada vez mais relevantes no comércio internacional, constituindo-se em barreiras e critérios de seleção de fornecedores.

Segundo trabalho publicado na revista *BNDES Setorial* de março de 1999, entre os procedimentos para minimização de resíduos podem-se citar:

- “substituição de corantes por outros menos poluentes;
- utilização do couro verde em substituição ao salgado (somente possível com maior integração de toda a cadeia);
- mudanças no processo de pintura;

Tabela 6

Métodos de Curtimento de Couro Bovino

ANOS	PRODUÇÃO DE COUROS	AO CROMO	PART. (%) CROMO	AO TANINO	PART. (%) TANINO
1992	23,00	19,55	85,02	3,25	14,11
1993	24,00	20,19	84,12	3,55	14,79
1994	26,00	22,68	87,22	3,01	11,59
1995	27,00	23,97	88,79	2,68	9,91
1996	28,50	25,10	88,07	2,80	9,81
1997	29,10	26,64	91,56	2,18	7,50
1998	30,20	28,13	93,13	1,87	6,19
1999	31,30	28,00	94,00	1,51	4,83
2000	32,50	31,01	95,43	1,10	3,39
Var.92/00(%)	41,30	58,60		(66,02)	

Fonte: CNPC/IBGE/Aicsul.

- reorganização do local de trabalho (limpeza, *layout*);
- uso de equipamentos que reduzam o consumo de água e energia;
- reutilização de resíduos (aparas, sebo); e
- redução e recuperação do cromo, através de processo químico, para reutilização.”

O setor de curtumes enfrenta maior concorrência com o aumento do número de participantes, o aumento do porte dos clientes e dos fornecedores e a redução do uso do produto em função do aparecimento dos sintéticos.

Seu desempenho está ligado à demanda dos segmentos clientes, especialmente, calçados e o mercado externo. O mercado interno, que pode resultar em ganhos de escala para redução de custo, é pouco explorado, registrando-se consumo pequeno de produtos de couro.

O relacionamento entre as empresas é fraco e existem aspectos conflitantes, principalmente, entre os exportadores e os produtores voltados para o mercado interno. A exportação de couro salgado e *wet blue* é um dos principais pontos de conflito e a menor oferta eleva o preço no mercado interno, que por sua vez não pode ser repassado para os produtos finais.

Frigoríficos e algumas empresas de calçados realizam exportações de couro cru em função dos preços alcançados no mercado internacional. A sobretaxa criada sobre a exportação de couro objetivou ampliar as exportações de produtos de maior valor agregado, porém vem coincidindo com o aumento da demanda internacional, a crise da “vaca louca” e a desvalorização do real, que criaram ambiente favorável à exportação, e, assim, verificou-se aumento tanto de couro cru como salgado.

Os grandes fabricantes mundiais, especialmente da Europa, compram a matéria-prima para processá-la e transformá-la em produtos de maior valor, utilizando processos de acabamento de maior tecnologia. Os curtumes mais novos já vêm implantando melhorias tecnológicas que também envolvem gestão e equipamentos.

Em função da facilidade de exportação de *wet blue* e da baixa integração entre curtumes, frigoríficos e produtores de calçados, há baixo investimento em couro acabado. Algumas empresas de calçados consideram que seria mais adequado adquirir o couro já acabado. No entanto, grande parte do setor de curtume não realizou investimentos em escala suficiente e, assim, considera-se que

Considerações Finais

muitos curtumes não têm instalação adequada para fornecer um aumento de couro semi ou acabado.

As empresas, especialmente as exportadoras, variam quanto à utilização do couro de origem nacional ou importado, não só em função da qualidade como também do preço a ser pago pelo produto e, em alguns casos, pela especificação dada quanto à matéria-prima.

De modo geral, para produtos voltados para o mercado interno é usado o couro de origem nacional e, para o mercado externo, depende-se das várias situações citadas anteriormente. Produtos para classe A, de modo geral, são também de couro, embora haja avanços na utilização de sintéticos, sobretudo na área esportiva. Adicionalmente observa-se que produtos sintéticos semelhantes são vendidos sem orientação ao consumidor quanto ao material e de preço similar. A indústria vem trabalhando para implantar um sistema de etiquetagem em que é indicado o material processado.

Em relação à qualidade, o quadro vem melhorando com ações de parceria sendo implementadas e programas de divulgação e de melhorias na qualidade dos produtos sendo realizados. O CICB, por exemplo, desenvolveu e implementou o Programa Brasileiro de Melhoria do Couro Cru, que já reduziu o percentual de couros furados. Embora apresente resultados positivos, a extensão do programa ainda não foi o suficiente para reduzir os problemas de qualidade no couro brasileiro.

A orientação para exportação dos últimos anos renovou o debate sobre a necessidade de padrões de qualidade e produtividade e de maior articulação frente à concorrência internacional. As relações de cooperação são fundamentais para o sucesso da cadeia produtiva para fortalecimento no mercado internacional. No entanto, mesmo na hipótese de maior coordenação, há necessidade de investimentos para que a produção de couro atinja padrões mundiais. Para continuar acompanhando o crescimento dos demandantes, as empresas precisam crescer e investir em modernização da produção e de gestão. A questão ambiental é também relevante.

A realização de investimentos tem sido limitada por alguns fatores, como dificuldades de acesso às fontes oficiais de crédito, fornecimento de garantias, custo das operações, entre outros. Contribui também a situação financeira de algumas empresas, pois de acordo com a relação de empresas da publicação Balanço Anual da *Gazeta Mercantil*, em 2000, de 31 empresas 14 apresentaram prejuízo operacional. As empresas que investiram vêm trabalhando com recursos próprios, descontos de duplicatas e utilização de recursos externos para importação de máquinas.

Em resumo, é preciso levar em consideração uma série de aspectos levantados:

- há aumento da substituição do couro, especialmente no mercado interno, e melhorias no acabamento dão aos produtos sintéticos aparências quase iguais aos dos naturais;
- o mercado interno não tem crescido de forma suficiente para permitir melhor escala de produção para os curtumes assim como artefatos de couro;
- cooperação e parceria são ainda pequenas e há pouco estímulo para novos investimentos;
- restrições sanitárias e ambientais estão se tornando mais rigorosas.

ANDRADE, J. E. P., CORRÊA, A. R. Panorama da Indústria Mundial de Calçados, com Ênfase na América Latina. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 95-126, mar. 2001.

FAO. *Relatório de Comitê de Problemas de Produtos Básicos, Sub-grupo sobre Cueros y Pieles*, Séptima Reunion, Roma, jun., 2001.

GAZETA MERCANTIL. Balanço Anual 2001 e 2000.

GORINI, Ana P. F. e SIQUEIRA, S. H. G. BNDES: Complexo Coureiro-calçadista nacional: uma avaliação do programa de apoio do BNDES. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 9, mar. 1999.

IPQP-PR. Produtividade Sistêmica. *Boletim do Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade no Paraná*, out/dez. 2001.

LEMONS, C., PALHANO, A. Arranjo Produtivo Coureiro-Calçadista de Campina Grande/PB em Arranjos e Sistemas produtivos e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico. *Nota Técnica 22*, IE/UFRJ, dez./2000.

LUCE, F.B., FENSTERSEIFER, J., HEXSEL, A. *A estrutura competitiva da indústria de curtumes no Brasil: seu entendimento a partir do modelo Porter*.

MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior). *Diagnóstico da Cadeia Produtiva de Couro e Calçados*. Brasília, set. 2001.

NORONHA, E. G., TURCHI, L. M. *Cooperação e Conflito: Estudo de Caso do Complexo Coureiro-Calçadista no Brasil*. IPEA, Brasília, mar. 2002.

CORRÊA, A. R. O Complexo Coureiro-Calçadista Brasileiro. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 65-91, set. 2001.

Referências Bibliográficas

SCHMIDT, H.. Audi AG Interior Materials Development: Demands on Leather and Leather Trends from the Automotive Viewpoint, *World Leather*, August/September 2001.

TECNOCOURO. Novo Hamburgo, p. 46, fev./mar., 2002.

SATRA TECHNOLOGY. Borracha Sintética na Indústria de Calçados. *Tecnocouro*, Novo Hamburgo, vol. 22, nº 08, p. 107-116, set./out., 2001.

SANTOS, R. G. Borracha Sintética na Indústria de Calçados. *Tecnocouro*, Novo Hamburgo, vol. 22, nº 08, p. 107-116, set./out. 2001.

VARGAS, M. A. e ALIEVI, R. M. Arranjo Produtivo Coureiro-Calçadista do Vale dos Sinos em Arranjos e Sistemas Produtivos e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico. *Nota Técnica 21*, IE/UFRJ, dezembro 2000.